

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

CARLOS AUGUSTO PEGURSKI

**ANÁLISE DO CORDEL “O PADRE HENRIQUE E O DRAGÃO DA MALDADE” DE
PATATIVA DO ASSARÉ: POSSIBILIDADES DE REGISTRO EM UM POEMA-
DENÚNCIA**

CURITIBA

2019

CARLOS AUGUSTO PEGURSKI

**ANÁLISE DO CORDEL “O PADRE HENRIQUE E O DRAGÃO DA MALDADE” DE
PATATIVA DO ASSARÉ: POSSIBILIDADES DE REGISTRO EM UM POEMA-
DENÚNCIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador: Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida

CURITIBA

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

ANÁLISE DO CORDEL “O PADRE HENRIQUE E O DRAGÃO DA MALDADE” DE PATATIVA DO ASSARÉ: POSSIBILIDADES DE REGISTRO EM UM POEMA- DENÚNCIA

por

Carlos Augusto Pegurski

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção de título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 15 de outubro de 2019.

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida
Orientador

Profa. Dra. Maurini de Souza
Membro titular

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima
Membro titular

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

RESUMO

PEGURSKI, Carlos Augusto. Análise do cordel “O padre Henrique e o dragão da maldade” de Patativa do Assaré: possibilidades de registro de um poema-denúncia. 2019. 27f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

Este trabalho se propõe a analisar o cordel “O Padre Henrique e o Dragão da Maldade”, do poeta cearense Patativa do Assaré, de forma a traçar uma relação entre o texto e os aspectos históricos que fazem parte da reflexão trazida pelo autor. Para além de identificar os elementos que conferem ao cordel sua qualidade literária, será observado como esses recursos são usados para que o poema consiga alcançar um objetivo social que o transcende, que é o de formular artisticamente uma denúncia sobre fatos de uma determinada conjuntura política, apresentada a seguir. Para tanto, será apresentada uma breve biografia de Patativa e o contexto histórico de sua obra e do cordel “O Padre Henrique...” em particular – um contexto que determina sua escrita e vice-versa. Na sequência, serão observados os recursos poéticos dos quais o eu-lírico lançará mão para esse registro e de que forma eles colaboraram para a produção de sentido do poema.

Palavras-chave: Literatura brasileira. História. Patativa do Assaré.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the narrative poem “O Padre Henrique e o Dragão da Maldade”, written by Patativa do Assaré, in order to trace a relationship between the text and the historical aspects that are part of the reflection brought by the author. In addition to identifying the elements that give the poem its literary quality, we observe how these resources are used so that the poem can achieve a social goal that transcends it, which is to artistically formulate a complaint about facts of a certain political situation. To this purpose, a brief biography of Patativa and the historical context of his work and of the “O Padre Henrique ...” in particular will be presented - a context that determines his writing and vice-versa. In the sequence, the poetic resources that the lyrical self will use for this record will be observed and in what way they collaborated for the production of the poem's meaning.

Keywords: Brazilian literature. History. Patativa do Assaré.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 UM POEMA DE DENÚNCIA SOB E SOBRE A DITADURA MILITAR.....	9
3 ANÁLISE LITERÁRIA DO CORDEL.....	15
4 CONCLUSÃO.....	24
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

Atravessamos tempos de transformação – na política isso é sentido com mais vigor, porque as crises têm sido dramáticas, mas é algo que se manifesta também em outras dimensões. As perspectivas institucionais que nos dirigiram nos últimos anos têm ruído (o século custou a virar) e, ante a isso, novos atores produzem uma nova articulação de discursos e novos desafios.

No campo da arte e, em particular, da literatura, estamos em tempo de questionar: o que de nossa tradição deve ser reivindicado? O que de novo estamos por fazer? O que esperar da literatura em tempos de esvaziamento de utopias e de radicalidade do mercado? Como compreender o sujeito social de hoje, que possui a liberdade e o direito de viver em um tempo que não admite o sujeito em sua liberdade e na sua condição de detentor de direitos? Como compreender o Estado de hoje, que possui a determinação de ser democrático e de Direito e cujos arranjos emprestam essa forma a processos antidemocráticos e de insegurança jurídica?

Há ou haverá coletividade em nosso mundo, para além de uma legião de produtores de conteúdo (sic) sem tempo de ler ou ouvir o outro?

Trabalhamos neste projeto com a hipótese de que um retorno à cultura popular e à história do povo comum, distante dos holofotes, pode lançar luz sobre os processos de produção de sentido no campo coletivo. Revisitar o passado pode dizer coisas sobre o tempo que vivemos, desde aquilo que vencemos como os pontos que permanecem sendo dilemas atuais.

Para cumprir essa travessia, optamos por analisar o cordel “O Padre Henrique e o Dragão da Maldade”, do poeta cearense Patativa do Assaré. Conforme contextualizaremos, trata-se de uma narrativa feita desde um Brasil que fala sem microfone e não está diante de câmeras, cuja preocupação também se demora naquilo que não é dito e passa despercebido. Trata-se, portanto, de uma obra que milita no campo da produção de uma história e se estenderá a um campo de ativismo político comum à época – haveria um caminho a cumprir desde seu tempo, marcado por um regime sem liberdades democráticas, até uma sociedade em devir.

Diante dessa dinâmica, argumentaremos que esse poema representa um nó: é, em primeiro lugar, uma obra com compromisso artístico e construída sob esse ponto de vista, com os parâmetros próprios de um gênero com essa preocupação; é também fonte histórica a ser consultada; e, ao mesmo tempo, é um texto com

intenção de produzir história, sobretudo porque usa do estatuto da arte para registrar aquilo a que os documentos oficiais se eximiram em um tempo de Estado totalitário. Goza, portanto, da coragem e da lucidez de uma obra que se inscreve em disputa e em relação à sua dimensão social.

Esse é o percurso da primeira etapa deste trabalho. Na segunda etapa, faremos a análise poética do cordel. Procuraremos identificar na produção do eu lírico quais foram os recursos pelos quais o texto ganha sentido e cumpre a tarefa a que se destina: forma, métrica, escolha e uso de palavras, repetições, definição de uma ética, dialogismo com o leitor, recuperação de outros textos, entre outros.

Acreditamos que esse cordel possui particularidades que o tornam especialmente interessante para a discussão proposta, além do fato de não haver produções acessíveis sobre ele nos meios de uso comum na comunidade acadêmica, como repositórios online. Esperamos, portanto, com esse trajeto contribuir para as reflexões do papel social de uma literatura popular ou referenciada diante das demandas populares.

2 UM POEMA DENÚNCIA SOB E SOBRE A DITADURA MILITAR

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré, foi um poeta, cantor e compositor nordestino falecido em 2002. Nascido em Assaré, Ceará, em 1909, cresceu em uma família pobre e auxiliou os pais no trabalho do campo. Em meio à rotina de agricultor, profissão que manteve até o fim da vida, fazia versos e os apresentava em feiras e rádios da região.

Patativa lançou seu primeiro livro, *Inspiração Nordestina*, já com 47 anos. Em 1967, a obra ganha uma segunda edição – chama-se, então, *Cantos do Patativa* – e novos livros são lançados em 1970, 1978, 1988 e 1994: *Patativa do Assaré*, novos poemas comentados; *Cante lá que eu canto cá*; *Ispinho e fulô*; e *Aqui tem coisa*. Além disso, o poeta tem contribuições em outros livros, organizados coletivamente.

O conjunto da obra de Patativa, no entanto, é muito superior a essas publicações, pois os poemas frequentemente eram compostos para registro em folhetos de cordel, além de existirem aqueles, no caso de Patativa, elaborados sob a lógica da oralidade – compostos para recitar na rádio ou em feiras e memorizados pelo poeta que, até sua morte, com 93 anos, era admirado por recordá-los integralmente. Isso é muito peculiar se considerarmos que apenas o texto “*O Padre Henrique...*” tem 381 versos.

A obra de Patativa tem como objetos recorrentes elementos da realidade social do povo nordestino, marcada historicamente por uma assimetria de classe brutal. Essa preocupação com justiça social aparece em inúmeros poemas, como o cordel “A triste partida”, popularizada a partir da musicalização de Luiz Gonzaga, cuja narrativa aborda o êxodo de uma família de retirantes; “Reforma agrária”, um soneto que conclama a necessidade de emancipação do país via a democratização da terra; “Prefeitura sem prefeito”, em que critica ironicamente a administração política local e o levou à prisão¹; e “Brasi de Cima e Brasi de Baxo”, em que aponta a desigualdade social e, inclusive, a possibilidade de superação da divisão de classe:

1 Patativa relata em uma gravação na série “O Milagre de Santa Luzia” que, após três visitas à prefeitura sem encontrar o prefeito, ele faz um poema mordaz que, ao ser divulgado, causa sua prisão. Ela duraria apenas quinze minutos, mas motivou uma atualização do cordel, que passou a terminar assim: “Patativa desconte/Nesta gaiola cativa/Embora bem diferente/Eu sou também Patativa/Linda avezinha pequena/Temos o mesmo desgosto/Sofremos a mesma pena/Embora, em sentido oposto/Meu sofrer e teu penar/Clamam a Divina Lei/Tu, presa para cantar/E eu preso porque cantei”.

“o que com o tempo sobe/o tempo mesmo derruba/tarvez ainda aconteça/que o Brasi de Cima desça/e o Brasi de Baxo suba”.

Esse compromisso social é presente em toda sua obra, mas uma análise mais detalhada de um poema, como nos propomos a fazer com o cordel “O Padre Henrique...”, exige que se conheça com mais pormenores os detalhes do contexto em que foi escrito e publicado. Sabemos que ele consta na obra *Ispinho e Fulô*, de 1988², embora permaneçam em aberto detalhes fundamentais de sua publicação para a própria produção de sentido do poema. A verificação da data de escrita e da data original de publicação desse texto ainda em cordel, por exemplo, é uma tarefa ainda a ser cumprida. Em nosso esforço de pesquisa, não foi possível saber ao certo a data de criação e a data de publicação. Encontramos duas edições diferentes – uma da Cordelteca³, outro em um blog de literatura regional⁴, mas não esclarecem quanto à data. E há ainda uma monografia publicada em 2009 em Fortaleza que aborda esse cordel, mas verificamos que não está disponível em versão digital e a biblioteca da instituição não permitiu nenhuma forma de acesso virtual⁵.

É possível crer, no entanto, que o poema é de 1969 ou do período imediatamente posterior. Trabalharemos com essa hipótese em virtude das seguintes informações. Essa é a data do assassinato do Padre Antônio Henrique Pereira da Silva Neto, “auxiliar direto do arcebispo Dom Hélder Câmara, sequestrado, torturado e morto em Recife, na madrugada de 27 de maio” de 1969. (CNV, 2014, p. 20) O assassinato do padre teria motivado um pedido especial de Dom Hélder Câmara a Patativa para que fizesse o cordel. (TAVARES; MANZATTO, 2014)

Outro fator que aponta essa temporalidade e possibilita a interpretação de que o cordel é uma resposta articulada ao assassinato (uma produção de sentido que dialoga deliberadamente com outros relatos e discursos daquele período), com um tom de denúncia contra o regime, é a opção de Patativa por adotar a expressão “dragão da maldade” no título e no corpo do poema. Além da possibilidade mais imediata de identificação com a figura de São Jorge – cujas relações de sentido

2 Nós trabalhamos nesse artigo com a edição da Hedra, de 2005.

3 <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=53890>

4 http://catadoradeversos.blogspot.com/2012/12/o-padre-henrique-e-o-dragao-da-maldade_6450.html

5 ALVES, Maria Auxiliadora da Silva. Análise Sócio-Discursiva do folheto: O Padre Henrique e o Dragão da Maldade de Patativa do Assaré. Fortaleza: FGF, 2009. 57p. Trabalho de Conclusão de Curso. Consulta em <http://www.fgf.edu.br/academico/biblioteca/acervo-virtual/>

serão exploradas a seguir –, deve-se recordar que também em 1969, Glauber Rocha lança o filme “*O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*”, que ganha o prêmio de direção do Festival de Cannes e representa uma continuidade do clássico “Deus e o Diabo na Terra do Sol”. Antonio das Mortes, protagonista de ambas as tramas, é um assassino mercenário – o que possibilita a leitura de que o “dragão do mal” poderia ser o matador do padre Henrique.

Mas há uma crítica social mais profunda. Oliveira (2008) entende que,

se num primeiro momento o *Dragão da Maldade* é o próprio Antonio das Mortes, mais tarde será um latifundiário quem assumirá essa posição. (...) O próprio Glauber disse certa vez que “tais papéis sociais não são eternos e imóveis e que tais componentes de agrupamentos sociais solidamente conservadores, ou reacionários, ou cúmplices do poder, podem mudar e contribuir para mudar. Basta que entendam onde está o verdadeiro dragão”. Por isso, de certa forma, “o *Dragão da Maldade*” é um despertar da consciência de Antonio das Mortes, que começa a ver com outros olhos a estrutura sócio-econômica do Brasil, descobrindo quem é o verdadeiro inimigo do povo.

Isso é coerente com a tônica geral da obra de Patativa, vinculada a um projeto popular. Segundo Tavares e Manzatto (2014), na crítica social do poeta, é possível identificar uma opção preferencial pelos pobres (em alusão à Carta de Puebla, da Conferência dos Bispos Católicos realizada em 1979), evidenciada em sua participação em movimentos culturais progressistas, nas Ligas Camponesas, no movimento de resistência à ditadura militar e nas campanhas pela Anistia e pelas Diretas Já (2014, p. 242-243).⁶

Em “*O Padre Henrique...*”, é possível verificar isso em vários momentos, que analisaremos mais detalhadamente no segundo ponto desse texto. O cordel aponta para uma tarefa de protesto mais geral, resgatando a compreensão de uma produção literária que se proponha a vocalizar determinados discursos interditados. O assassinato do padre Henrique ocorreu um ano após a publicação do AI-5, ou seja, em um período de fechamento do regime e de redução das liberdades democráticas, e teve provavelmente, para além de silenciar o assassinado, o

⁶ Essa relação permanece viva nos movimentos sociais, a exemplo da canção frequentemente pontuada nas ocupações do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto: “pisa ligeiro/pisa ligeiro/quem não pode com a formiga/não atíça o formigueiro”. Patativa publicara na obra *Ispinho e Fulô*, de 1988, o cordel *O Boi Zebu e as Formiga*, que termina com os seguintes versos: “As formiga a defende/Sua casa, o formigueiro/Botando o boi pra corrê/Da sombra do juazêro/Mostraro nesta lição/Quanto pode a união/Neste meu poema novo/O boi zebu qué dizê/Que é os mandão do podê/E essas formiga é o povo”. Isso reforma o caráter multimeio do cordel, que vive na tensão entre o oral e o escrito e, em certa medida, vive como performance.

objetivo de ameaçar Dom Hélder Câmara. De toda forma, não era uma exceção, como relata o padre belga Jean Talpe no relatório da Comissão Nacional da Verdade (2014, p. 175)⁷:

Em 19 de fevereiro de 1969 fui sequestrado brutalmente por militares e levado à prisão. Aí já se encontrava o padre que morava comigo, preso uns dias antes e cruelmente torturado. Agora era minha vez de enfrentar a fúria dos carrascos. [...] Um amigo meu, professor da Universidade de São Paulo, foi pendurado de cabeça para baixo e assim, durante horas, batido com porrete e submetido a choques elétricos nas partes mais sensíveis do corpo. Uma moça, que ele não conhecia, teve de presenciar a cena e sofreu depois o mesmo tratamento vergonhoso na presença do meu amigo.

Isso é relevante no sentido de admitir qual é o caráter que Patativa dá à sua poesia. A literatura, apesar de parte da crítica ver esse aspecto com certo descaso, está inevitavelmente a serviço do debate de projetos e ideias sociais. O envolvimento com os movimentos de contestação ao regime militar e, no campo da religião, sua simpatia com a teologia da libertação, permitem que consideremos essa interpretação.

Mas Patativa apresenta algumas pistas entre as estrofes que nos levam a considerar que seu texto acaba por cumprir outra tarefa: a do registro de ocorrências históricas. Um poema engajado, escrito em um meio propício à divulgação, que, nesse caso, é um poema-denúncia. O cordel encerra um registro que de outro modo seria difícil ocorrer. Isso se verifica de forma muito particular nos seguintes trechos (2005, p. 183 e 188. Grifos nossos.):

E, por falar de injustiça
traidora da boa sorte
eu conto ao leitor *um fato*
de uma bárbara morte
que seu deu em Pernambuco
famoso Leão do Norte
(...)
Rádio, TV e jornais,
nada ali noticiaram
porque as autoridades
estas verdades calaram
e o padre Antonio Henrique
morto no mato encontraram

7 Além do padre Henrique, o relatório apresenta outros dezesseis casos de lideranças católicas assassinadas e desaparecidas entre 1969 e 1985, como Frei Tito e o estudante Honestino Guimarães; e, além do padre Jean, dezessete casos de figuras expulsas ou banidas.

O poema se inscreve, portanto, na lacuna entre o *fato* e a ausência de registros e procura supri-la: “eu conto ao leitor um fato”. Patativa assume a tarefa de, através da poesia, inscrever-se na história através de um movimento de resistência.

Apenas nos últimos anos, após a redemocratização do país, casos como esse têm sido recuperados. Entre as iniciativas, destacam-se o trabalho de institutos de recuperação da memória a da Comissão Nacional da Verdade (CNV), além das matérias jornalísticas que, assim como fez o cordel, informam à população dos desdobramentos, como no seguinte trecho, de 22 de setembro de 2012.

Um dos símbolos vivos da repressão em Pernambuco, o ex-major da Polícia Militar, José Ferreira dos Anjos, afirmou em depoimento à Comissão Estadual da Verdade na quinta-feira que o empresário Roberto Souza Leão, morto há quatro anos, integrou o Comando de Caça aos Comunistas (CCC), que perseguia os opositores ao regime militar. O empresário, segundo ele, teria sido beneficiado financeiramente pela relação que mantinha com o ex-presidente general João Figueiredo (LACERDA, 2012)

O fato de que Patativa denuncia um fato que ocorre em “...Pernambuco/famoso Leão do Norte” e o empresário mandante do crime seja, segundo a CNV, um grande empresário da região cujo sobrenome é Leão, também nos orienta no sentido de compreender que o poema narra a trama do assassinato do padre Henrique. E o projeto Memórias da Ditadura, do Instituto Vladimir Herzog, apresenta o trabalho feito pela CNV, confirma a preocupação de Patativa quanto ao silenciamento dos agentes públicos frente ao assassinato:

as investigações realizadas pela CEMDP, Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Hélder Câmara e Comissão Nacional da Verdade (CNV) encontraram indícios que permitem desconstruir a versão oficial de crime comum e indicar os agentes responsáveis pela execução. Os principais indícios advêm de um documento bastante esclarecedor: o informe confidencial no 685/70 do Serviço Nacional de Informações (SNI), de 1970 (...) nas quais afirmava que a execução de padre Antônio teria sido realizada por um grupo de jovens de extrema direita em coautoria com a polícia civil de Pernambuco, tendo inclusive sido usado carro pertencente à polícia civil no sequestro do padre. (...) Esses documentos revelam tanto a motivação política do crime quanto o fato de que as autoridades militares de Pernambuco e da esfera federal sabiam da autoria da execução e agiram para ocultar e interferir no processo, por meio do Ministério da Justiça. Em parecer confidencial enviado àquele ministério, consta que participaram do crime os investigadores da polícia civil Rível Rocha, Humberto Serrano de Souza, José Bartolomeu Gibson, Jerônimo Gibson e Rogério Matos. Os documentos produzidos pelo SNI, Ministério da Justiça e Cenimar desconstróem a versão oficial e comprovam a execução por motivação política perpetrada por integrantes do CCC e agentes policiais do estado de Pernambuco. Além disso, observa-se a subserviência do Ministério Público Estadual ao Poder Executivo Federal.

Há também relatórios e depoimentos da CNV que atestam uma simbiose entre Estado Ditatorial e milícias, notadamente o CCC. Segundo esses relatos, o padre Henrique teria sido levado por uma caminhonete rural verde e branca, pertencente ao Departamento de Investigação da Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco, à época sob o comando de Bartolomeu Gibson; e que os reais assassinos do padre seriam, em vez de alguns jovens drogaditos atendidos no trabalho pastoral, jovens do CCC, inclusive um menor de idade da família de Bartolomeu Gibson. Esse mesmo veículo teria sido usado em abril de 1969 em um atentado contra a sede do arcebispado, sob responsabilidade de Dom Helder Câmara, e no assassinato do estudante Candido Pinto, ocorrido no mês seguinte e denunciado no cordel de Patativa.

A compreensão desse contexto político revela que o cordel “O Padre Henrique...” se inscreve como um poema-denúncia do assassinato e do tratamento conferido a esse caso pela mídia e pelas autoridades políticas, judiciárias e policiais. A partir disso, verificaremos quais são os instrumentos literários dos quais o eu lírico lança mão para esse registro e de que forma eles colaboraram para a produção de sentido do poema como denúncia.

3 ANÁLISE LITERÁRIA DO CORDEL

Já observamos que “O Padre Henrique...”, apresentado em cordel, um gênero bastante popular, é rico em referências externas ao poema, dialogando com o papel social da igreja e das autoridades políticas e policiais e reivindicando uma série de relações com o cinema e outras fontes, além da própria natureza multimeio do cordel: entre literatura e oralidade, entre o texto e a xilogravura etc. Cabe-nos, agora, destrinchar mais detalhadamente o texto, de forma a investigar como ocorre a produção de sentido proposta pelo poeta.

A forma do poema, como já apresentado, se dá em estrutura de cordel. Esse é um gênero bastante tradicional ainda na Europa e se estabelece no nordeste brasileiro, que até o século XVIII concentrou parte significativa da população e das atividades econômicas da nação. A Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC, 2018) aponta que, “oriunda de Portugal, a literatura de cordel chegou no balaio e no coração dos nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador. (...) Mais tarde, por volta de 1750 é que apareceram os primeiros vates da literatura de cordel oral”.

Também Quintela (2005) entende que é possível que publicações iniciais de clássicos europeus tenham dado surgimento à prática do cordel no Brasil, mas que é antes, um produto da popularização da imprensa industrial. Portanto, no Brasil, o surgimento desse gênero está ligado mais diretamente ao jornal do que aos folhetos europeus; deve mais às possibilidades tecnológicas que se estabelecem nesse período em locais em que, junto a isso, resiste uma tradição de cultura oral (2005, p. 45-46).

Dentre as modalidades de métrica, a ABLC aponta que existe uma variedade de possibilidades de arranjos: de quatro versos, sextilhas (podendo ser abertas, fechadas, soltas, corridas ou desencontradas), setilhas, oitavas, décimas, martelo agalopado (liberdade de versos nas estrofes), galope à beira-mar (onze sílabas) e meia quadra (quinze sílabas).

O cordel “O Padre Henrique...” se configura com sextilhas e redondilhas maiores. Contém 63 estrofes: 62 tem seis versos e uma estrofe apresenta dez, ao reproduzir livremente um trecho do poema O Navio Negreiro, de Castro Alves, conforme apresentaremos. À exceção dessa estrofe, a métrica padrão auxilia na produção de um sentido de continuidade à história, o que é fundamental em se

tratando de um poema narrativo, e reforça o sentimento de simplicidade e ordem natural apontada pelo eu lírico, conforme veremos.

Embora não haja marcações no texto, dividiremos o poema em quatro seções como método de análise. Elaboramos essa sistematização a partir da sua dinâmica, que alterna o foco narrativo, conforme veremos.

Na primeira seção, com dez estrofes, o eu lírico se apresenta e aborda o objetivo do poema. O eu lírico evoca a si e ao seu ofício um conjunto de qualidades morais que estabelecem de início um pacto com o leitor em relação ao juízo a se ter sobre a narrativa a ser apresentada. Elas se referem a estar próximo à natureza (“sou um poeta do mato/vivo afastado dos meios”); ser um trabalhador humilde (“sou caboclo nordestino/tenho a mão calosa e grossa/a minha vida tem sido/da choupana para a roça”); ter compromisso com a verdade, independente de qual for (“canto a noite de São João/com toda sua alegria/.../e canto o pobre que chora/pelo pão de cada dia”); ter fé (“primeiro peço a Jesus/uma santa inspiração”); e pautar-se por um senso de justiça, ainda que sofra represálias (“falar contra as injustiças/foi sempre um dever sagrado/este exemplo precioso/Cristo deixou registrado/por ser reto e justiceiro/foi no madeiro cravado”).

Nessas primeiras dez estrofes que montam a primeira seção, há nove conjugações dos verbos cantar e contar (dada à particularidade do cordel, operam como sinônimos do fazer poético). Essas inserções são relativas à tarefa de cantar ou contar a vida tal como ela é como um compromisso de fé em relação à injustiça. Ao longo do poema, se manifestará diversas vezes o compromisso com os “pobres”, “injustiçados”, “humildes”, “fracos”, “pequenos”, “desamparados” e “oprimidos”.

É perceptível que, para o eu lírico, aquilo que é pertinente à natureza é bonito, simples e prazeroso, de forma que a experiência do eu lírico com a natureza é marcada por essa relação de bem-estar e de pertencimento. Haveria uma forma de bem viver na simplicidade do eu lírico e de seu mundo, como na festa de São João, sem que haja nessas festividades uma quebra com a ordem natural porque popular. De outra parte, as relações sociais e as condições da vida humana seriam duras, ásperas, porque derivadas de relações de exploração:

Canto da mata frondosa
a sua imensa beleza
onde vemos os sinais
do pincel da Natureza
e quando é preciso eu canto

a mágoa, a dor e a tristeza

Canto a noite de São João
com toda sua alegria
sua latada de folha
repleta de fantasia
e canto o pobre que chora
pelo pão de cada dia

Canto o crepúsculo da tarde
e o clarão da linda aurora
canto aquilo que me alegra
e aquilo que me apavora
e canto os injustiçados
que vagam no mundo afora

No fim dessa primeira parte, o eu lírico apresenta que narrará uma “penosa verdade”: um seguidor de Cristo morrerá na mão de malfeitores, tal como Ele, por defender os humildes. Esses malfeitores são nomeados como Dragão da Maldade, figura que aparece desde o título do cordel e merece uma análise mais cuidadosa.

É possível crer que Patativa recupera a figura do dragão nesse caso por quatro razões, ao menos. Primeiramente, parece apontar o uso de um elemento narrativo que já goza de uma valoração semântica no tecido social. Isso facilita as identificações do leitor com a estrutura bem x mal e estabelece transições entre particular e geral: investe no antagonismo do eu lírico uma figura mítica, que opera como um símbolo transcendente ao caso particular, mas que guarda relações com o concreto. É possível, por exemplo, apontar relações entre o dragão e a forma com que o padre foi assassinado (arma de fogo), que aponta para o elemento dominado pelo dragão.

Em segundo lugar, existe a possibilidade já apresentada de diálogo com o Cinema Novo, reforçada pela data do assassinato, que coincide com o lançamento de “O Santo Guerreiro contra o Dragão da Maldade”. Dessa forma, Patativa exploraria o filme, sobretudo na hipótese de a redação do cordel ser próxima ao lançamento do filme, relacionando o padre a um santo guerreiro em por antítese, seus adversários como o “dragão da maldade”. O uso de uma alegoria comum com a proposta fílmica é pertinente também porque o cineasta apresenta uma preocupação política relacionada à libertação do país desde o sertão, recuperando elementos populares nordestinos, inclusive a própria literatura de cordel:

o cineasta não só buscava se distanciar dos mitos colonialistas pelos quais nos pautávamos, mas também que inventássemos outros, agora

libertadores, soberanos e autônomos. Glauber Rocha, a partir de “O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro”, desejava construir um cinema que se singularizasse, independente, anti-colonialista e “nacionalista”. Assim, por meio dessa arte cinematográfica, tornar-se-ia possível contribuir para a “libertação” do país e do terceiro mundo. (...) Nesta película, compõem-se teatralizações e ritualizações dos conflitos em que o repente e a poesia de cordel não se limitam à narração e à figura de um cantador. As formas próprias da cultura sertaneja se apoderam da *mise-en-scène*. (...) Na medula espinhal de “O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro” encontra-se o esforço do seu autor de aliar cultura popular, prática revolucionária, mito e história. Para ele, o papel histórico dos povos do terceiro-mundo se cumpre em conformidade com a tradição, não com a negação dela. Logo, a questão maior não é a superação do mito, mas a sua encenação e reinterpretação pela comunidade, em termos dos projetos de liberação. (BUENO, 2009, p. 1-7. Grifos do autor)

Foi nesse sentido que Glauber Rocha apresentou as figuras típicas do imaginário do sertão brasileiro como o “Dragão”, símbolo barroco da desmedida natureza e do desarmônico, e de “São Jorge”, símbolo da guerra e da caça. (BUENO, 2009, p. 4) E esse resgate aponta para o terceiro ponto, em que se destaca o sentido religioso do símbolo, importante para o corpo discursivo do poema. É através dessa dimensão que ocorre a apresentação da trama.

Desde o título do poema se depreende que “O Padre Henrique e o Dragão da Maldade” constroem o cenário lírico de uma realidade valorada moralmente com grande teor religioso. As virtudes morais, naturais e religiosas se confundem. Nesse caso, o dragão pode ser sugerido como símbolo que configura o padre como mártir. Fonseca (2013, p. 3803) recorda que “para as primeiras gerações cristãs, o dragão representa a incorporação do princípio do mal. (...) São bastante difundidas as representações nas quais o dragão é vencido pelo arcanjo Miguel, por São Jorge ou por Cristo”. Acrescenta ainda que diversas vezes a história de São Jorge foi usada ao longo da história com a finalidade de tornar acessível a públicos leigos os elementos gerais de um conto pela igreja, sobretudo por franciscanos e dominicanos, que possuíam elevado conhecimento teológico mas se preocupavam com a permeabilidade do conhecimento. (2013, p. 3799)

Em outro eixo de leitura, o uso da figura Dragão da Maldade permite que a indeterminação do símbolo (quem é ou o que é o Dragão da Maldade?) possa ocupar tanto o lugar daquilo que não se sabe como daquilo que, embora se saiba, não é permitido dizer, por razões políticas. E as características do dragão auxiliam nessa interpretação: uma figura desprovida de bondade, que maneja o fogo e classicamente opera como guardiã pode ser relacionada à força policial, sobretudo

com a confirmação pela Comissão Nacional da Verdade do envolvimento de agentes dessa instituição na execução do religioso, ou mesmo da milícia apontada como executora (Comando de Caça aos Comunistas). A indeterminação do símbolo auxilia na argumentação.

E, por fim, Fonseca informa que o símbolo do dragão possui tradição no próprio cordel: há um poema tradicional chamado “Juvenal e o dragão”, inspirado em São Jorge, escrito originalmente pelo pernambucano Leandro Gomes de Barros (1865-1918). Sua versão digitalizada mais antiga é datada do ano de 1974 e seu adaptador e ilustrador são artistas radicados na cidade do Recife, local do assassinato do padre Antonio Henrique. (FONSECA, 2013) É significativo também que, nessa história, Juvenal não seja cangaceiro, como ocorre no filme de Glauber Rocha e como seria mais óbvio para um soldado sertanejo. Em vez disso, é um camponês. Essa figura aproxima o eixo bem x mal apresentado pelo eu lírico do ponto de vista religioso e classista, coincidindo com a matriz epistemológica da Teologia da Libertação – corrente teológica professada pelo padre.

A segunda seção do texto, com 21 estrofes, relata detalhes factuais da tortura seguida de assassinato do Padre Antonio Henrique: após ameaças de morte a pessoas ligadas a Dom Helder Camara, o padre Antonio Henrique fora assassinado barbaramente em 27 de maio de 1969, com 29 anos, apenas três anos após sua ordenação; seu corpo foi encontrado com marcas de bala, de facada e de estrangulamento, apontando tortura.

No decorrer da apresentação, o eu lírico continua a se valer de uma polarização moral com fundamento religioso: “tinha três anos de padre/depois que ele se ordenou/pregava a mesma missão/que Jesus Cristo pregou/e foi por esse motivo/que o dragão lhe assassinou”. O motivo da perseguição contra o padre seria o fato de o corpo da igreja estar “conscientizando os jovens/sobre os problemas da vida”.

Para uma visão religiosa, chama a atenção que se trata de uma percepção de que a vida possui uma dimensão de resolução terrena. Não se trata de delegar a vida a alguma categoria transcendente, mas assumir suas contradições no aqui-e-agora, algo que o eu lírico reivindica para a igreja: “mas o ministro de Deus/possui o santo dever/de estar do lado dos fracos/sua causa a defender/não é só salvar a alma/também precisa comer”; “a igreja de Jesus/nos oferece orações/mas também precisa dar/aos humildes instruções/para que possam fazer/suas reivindicações”.

Patativa contextualiza o crime em panorama de perseguições que a igreja pernambucana vinha sofrendo, como acusações contra D. Helder Câmara e cartas e telefonemas anônimos que ameaçavam o assassinato de até trinta pessoas ligadas a ele. Para o eu lírico, isso ocorria porque os religiosos, ligados a termos como fraternidade, paz, fé, amor, esperança, verdade e bem, atuavam em prol da população, descrita como humilde, possuidora de direitos humanos e fraca. De outro lado, poderosos são descritos em termos opostos: fúria, maldade, rancor, mentira – conjunto de características que seria mobilizada contra os líderes que ensinavam as verdades de Jesus.

Chama a atenção que, até esse ponto do poema, o eu lírico enaltece a população simples e humilde, como uma extensão do que é bom e natural, mas a classifica como fraca e oprimida e não dá maior centralidade a ela senão como objeto abstrato a ser amparado. A cruzada moral ocorre entre aqueles que estão do lado do povo contra os poderosos e ambos se distinguem da massa inominada. Seriam os operadores morais do mundo, cada qual tendendo a um conceito de justiça e bem ou a um conceito de injustiça e mal.

O conceito de que haveria uma ordem harmônica, desde a natureza e também nas relações sociais fraternas, que seria perturbada pelas relações sociais de exploração, é novamente recuperada quando o poema apresenta: “a 27 de maio/o santo mês de Maria/no ano 69/a natureza *gemia*/por ver o corpo de um padre/morto sobre a *terra fria*”. Nesse caso, o assassinato foi de tal forma criminoso que a própria ordem natural teria sido afetada e se confunde com o padre: é a natureza quem geme e fica fria, e não ele⁸.

Ainda nessa segunda seção há um relato importante, que ajuda na compreensão do cenário em que ele é escrito e publicado e o configura ainda mais como um poema-denúncia: o silêncio sobre a tortura e o assassinato do padre Henrique. O poema registra que “rádio, TV e jornais/nada ali noticiaram/porque as autoridades/estas verdades calaram”, apontando para um acordo posteriormente confirmado pelo trabalho da Comissão Nacional da Verdade.

Esses questionamentos sobre os acontecimentos sociais no contexto de ditadura militar tornam-se especialmente significativos porque o debate de modelo

8 No campo da Teologia da Libertação, existe um campo que procurava localizar o homem como parte da natureza e ambos como criação unitária de Deus, havendo portanto uma dimensão ecológica na teologia. Uma obra importante Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres, de Leonardo Boff.

de produção e de arranjo social estava em aberto e a repressão do regime era rigorosa. Quando do assassinato do padre, havia apenas dez anos que Cuba fizera sua revolução socialista, a União Soviética era uma referência global de outra proposta de organização social do trabalho e havia um horizonte de levantes de regimes de esquerda a ocorrerem nos anos seguintes, como a eleição de Allende no Chile e a revolução sandinista na Nicarágua, que abrem e fecham a década de setenta. Da mesma forma, havia e haveria nos anos seguintes uma série de golpes e contra-revoluções, como ocorrera no Brasil em 1964.

A terceira seção do poema se dedica a esse debate mais geral de projeto social. Composta por 18 estrofes, o eu lírico se afasta momentaneamente do detalhamento e formula reflexões contra o regime político, em defesa do setor progressista da igreja e do comunismo, dando agora mais centralidade a categorias sociais oprimidas: estudantes, operários, agricultores, índios, negros. Nesse momento, esses atores terão capacidade de agir.

Isso é percebido logo de início, quando o eu lírico denuncia outros crimes políticos na cidade do Recife contra estudantes, como a invasão do DCE da PUC, o assassinato de Candido Pinto e o sequestro e prisão do estudante Cajá, que teria sofrido esses ataques porque deixou de ser “carreirista” e foi taxado de comunista. E é nesse ponto que o eu lírico questiona qual seria, afinal, o mal de ser comunista (ASSARÉ, 2005, p. 189-191):

Será que ser comunista
é dar ao fraco instrução,
defendendo os seus direitos
dentro da justa razão,
tirando a pobreza ingênua
das trevas da opressão?

Será que ser comunista
é mostrar certos planos
para que o povo não viva
envolvido nos enganos
e possa se defender
do jogo dos desumanos?

Será que ser comunista
é saber sentir as dores
da classe dos operários,
também dos agricultores
procurando amenizar
horrores e mais horrores

(...)

Mostrando a mesma verdade
de Jesus na Palestina
o movimento se estende
contra a opressão que domina
sobre os nossos irmãos pobres
de toda América Latina

(...)

Por este motivo a Igreja
nova posição tomou
dentro da América Latina
a coisa agora mudou,
o bom cristão sempre faz
aquilo que Deus mandou.

O eu lírico apresenta a postura cristã como capaz de resolver os conflitos do mundo, na medida em que a verdade, o amor e a fraternidade geram boa organização social; e apresenta que é o mundo quem ilumina o caminho pastoral, na medida em que trabalhariam “em benefício das classes desamparadas”. De alguma forma, essa é a solução ética da desordem do mundo estabelecida pela opressão dos poderosos.

E há ainda nesta terceira seção um recurso muito interessante usado por Patativa. O eu lírico apresenta uma denúncia dos setores oprimidos *pelo poder* (pelo regime?): “pois vemos o estudante/pelo poder perseguido/operário, agricultor/o nosso índio querido/e o negro? Pobre coitado!/é o mais desprotegido” (2005, p. 192). A estrofe seguinte recupera a preocupação de Castro Alves e, imediatamente após, encerra-se a terceira parte do poema com a recuperação *ipsis litteris* de um trecho de Navio Negreiro que dialoga com o mesmo senso de indignação e de angústia religiosa do eu lírico: “Senhor Deus dos desgraçados/dizei-me vós, Senhor Deus/se é mentira, se é verdade/tenho horror perante os céus...”. Para o eu lírico, portanto, o trabalhador comum é a versão contemporânea do escravo de outrora, recuperação possível porque seu estar-no-mundo é significado a partir de uma historicidade.

Havíamos dito que na terceira seção há um distanciamento do rigor factual, em que o eu lírico abordará outras reflexões, de ordem mais geral. Esse parêntese é interrompido por essa estrofe de quatro versos, caracterizando uma quebra no ordenamento visual e rítmico do poema. Torna-se interessante, portanto, que após a inserção da estrofe de Castro Alves o eu lírico se desculpe com o leitor: “se me *desviei do ritmo/não* queira se aborrecer”, que é o ponto de início da quarta seção. O desvio do ritmo se refere ao parêntese feito nas últimas 18 estrofes da terceira

seção ou ao desvio do ritmo do trecho inserido por empréstimo de Castro Alves? Ambos os entendimentos atendem a essa provocação do eu lírico, que volta a dialogar com o leitor: “mas agora lhe prometo/com bastante exatidão/terminar para o amigo/esta triste narração/contanto tudo direito/sem sair da oração” - o termo oração volta a trazer um significado religioso à tarefa de narrar o mundo.

A quarta seção, com 14 estrofes, retoma a narrativa do assassinato, agora com detalhes do enterro do padre, emprestando-lhe o estatuto de mártir. Isso está presente nestas passagens: “o corpo do Padre Henrique/que morreu martirizado”; “a morte de um jovem padre/que pelos jovens morreu”; “foi receber no Céu/o que na terra ganhou”; “foi receber no céu/sua coroa de glória”; e “o padre Henrique é um mártir/que morreu pelo seu povo”.

Nesse final, o cordel lança mão de um recurso recorrente nesse tipo de literatura que é o da repetição de um estribilho, comumente usado nos dois últimos versos de cada estrofe. No caso, Patativa retoma um hino religioso católico: “prova de amor maior não há/que doar a vida pelo irmão”, que teria sido cantada no cortejo fúnebre. O estribilho fecha três estrofes do cordel, incluindo a estrofe que finaliza o poema.

Como encadeamento do final, o cordel dá um sentido de continuidade ao padre (que recebe no céu as glórias merecidas) e à igreja:

Prezado amigo leitor
 Esta dor é minha e sua
 De ver morrer Padre Henrique
 De morte tirana e crua
 Porém a igreja dos pobres
 Sua luta continua

Nesse momento, a analogia a São Jorge é usada com um deslocamento: em vez de um mártir que matou um dragão, trata-se de um mártir cujo Dragão ainda não foi vencido. O provável assassino e o provável mandante do assassinato não foram identificados, julgados e condenados, posto que o arranjo do Estado de exceção orquestrou um silenciamento, e a ordem de exploração permanece vigente. Dessa forma a luta por outra ordem social continua no horizonte da “igreja dos pobres”.

4 CONCLUSÃO

Cerca de trinta anos após a redemocratização do país, é forçoso reconhecer que ainda temos dilemas em aberto do ponto de vista democrático. Sob diversos pontos de vista, a CF88 não foi ainda capaz de garantir uma cultura democrática – talvez esteja aí um debate importante sobre a contribuição da arte e dos meios de debate social não formais, ou não jurídicos, no que se refere à fundação dos marcos civilizatórios mínimos.

A literatura possui um papel importante de registro histórico no Brasil. O país construiu suas primeiras universidades apenas a partir do século XX, quando, na República recém-proclamada, o projeto de país foi objeto de debate de intelectuais. Esse descompasso na elaboração de um pensamento metódico em relação a outros países, mesmo entre nossos pares da América Latina, colocou sobre a literatura por séculos a tarefa de um pensamento crítico, a formulação sobre os projetos de país e mesmo uma interpretação nacional.

Embora não exista um consenso na crítica sobre o lugar e a validade desse papel político, havendo até mesmo a impressão corrente de que obras politizadas possam ser panfletárias e de menor valor, porque comprometidas com outros horizontes que não aqueles estritamente “literários”, o fato é que a literatura brasileira foi atravessada pelo contexto a que era submetida. Igualmente, atravessou esse contexto, influenciando os rumos do pensamento nacional.

Foi possível verificar com este trabalho como, no caso particular da pesquisa, a produção literária foi imbuída de um debate de país que estava em aberto, procurando se inscrever nas disputas políticas sob os contornos democracia x Estado de exceção. Se nossa hipótese temporal estiver correta e o cordel datar de 1969, ou alguma data próxima a isso, Patativa ainda conviveria com quinze anos de ditadura, com uma produção literária que voltaria a esse eixo democrático diversas vezes.

Para além das qualidades literárias do cordel, Patativa possuiu o mérito de narrar factual e simbolicamente um assassinato perpetrado por uma milícia paramilitar (Comando de Caça aos Comunistas), sob mando e financiamento de um empresário local, em acordo com as instituições estatais, como a polícia, Ministério Público e judiciário.

Foi impactante ao longo da análise acessar o registro da Comissão Nacional da Verdade e verificar os autos do crime narrado no cordel: fotos do corpo, do local e das armas, bem como detalhes e relatórios policiais e técnicos, como da autópsia. E essa história é tão recente, tão pouco conhecida, tão nossa.

Finalizadas as etapas acadêmico-metodológicas de apresentação do contexto social de produção da obra e observação dos recursos utilizados no cordel para a obtenção dos resultados propostos, permitimo-nos agora um balanço em tom mais valorativo.

Enquanto escrevemos estas linhas, o Presidente da República eleito democraticamente ironiza do assassinato do pai do presidente da Ordem dos Advogados do Brasil⁹, militante contra o regime autoritário da ditadura, afirmando que poderia contar a verdade sobre o destino do corpo jamais encontrado. Antes disso, homenageara Ustra no Congresso e dissera às mães de militantes desaparecidos que quem procura osso é cachorro.¹⁰

O desencanto gerado pelo vácuo de debate político nos coloca diante de uma encruzilhada: não há mais amanhã redentor, mas o mundo se resolve agora, diante dos nossos olhos, com a beleza da condição humana e também o chorume que fomos capazes de produzir. Vivemos sob o risco de uma doença social que tende a automatizar nossa visão de mundo e infertilizar nossa esperança.

Em vez disso, precisamos nos assumir profundamente comprometidos, profundamente políticos, ainda que profundamente angustiados. Acreditamos que não podemos ter no pragmatismo e no egoísmo, filhos do desencanto, um projeto. Reconhecemo-nos como sujeito no mundo e não acreditamos ser possível uma vida saudável e conseqüente sem enfrentar as questões sociais com a mesma seriedade com que enfrentamos, cada um de nós, nossas questões pessoais. Toda aposta de vida precisa do Outro.

A literatura pode um caminho de formulação. A lucidez e a paixão com que aqueles que nos antecederam construíram suas obras como apostas de uma vida que valha a pena ser vivida podem nos dar pistas de como seguir em frente quando nos deparamos com abismos semelhantes ao que já foram enfrentados. Tomar a

9 <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-e-a-oab-entenda-o-caso-sobre-a-declaracao-dada-pelo-presidente,70002945773>

10 https://revistaforum.com.br/noticias/bolsonaro_faz_troca_com_desaparecidos_politicos/

arte como espaço de emancipação pessoal e coletiva em tempos de desamparo de ideias é uma aposta imprescindível.

O cordel analisado neste trabalho é um pequeno exemplo de uma obra tensionada pelas agruras políticas do país. Escrita sob a ditadura, deu voz a setores sociais impossibilitados de um grito mais contundente. Em nossa análise, acreditamos que, em vez de subordinar a arte a determinados projetos, há grandeza em assumir um lugar histórico em períodos de conflito insuportável. Essa coragem é capaz de elevá-la. Inscrever pela literatura uma agenda social democrática que tem na dignidade humana um princípio é assumir sua dimensão mais valiosa. Quantos leitores não souberam do assassinato de um religioso vocacionado a um projeto popular a partir de varais de feiras no interior mais remoto?

E por que as forças militares não censuraram ou puniram Patativa, após seu relato? Esse lugar social do escritor, como um embaixador da liberdade, precisa ser garantido e dignificado. Há espaço para resistir e frutificar novas possibilidades de vida a partir da criação humana.

Se muitos derramaram sangue para que vivamos em um mundo democrático (ainda que uma democracia abalada, que questiona o limite da escolha popular para sua definição), outros tantos relataram um mundo autoritário assumindo riscos, emprestando sua biografia sob o maior dos riscos (e o maior dos amores): doar a vida pelo irmão.

A esses e essas lutadoras de canetas a punho, toda nossa admiração e nosso compromisso de uma vida de versos.

REFERÊNCIAS

ABLC. **História do Cordel**. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/o-cordel/historia-do-cordel> Acesso em: 18 jul 2018.

_____. **Métricas**. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/o-cordel/metricas-2>. Acesso em: 18 jul 2018.

ALVES, Castro. **Navio Negroiro**. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/11874/navio_negreiro_alves.pdf?sequence=4. Acesso em: 18 jul 2018.

ANTONIO Henrique Pereira Neto (Padre Henrique). **Memórias da Ditadura**, 2018. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/memorial/antonio-henrique-pereira-neto-padre-henrique/index.html>. Acesso em 4 jul 2018.

ASSARÉ, Patativa do. **O Padre Henrique e o Dragão da Maldade**. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=53890>. Acesso em 4 jul 2018.

_____. **O Padre Henrique e o Dragão da Maldade**. Disponível em: http://catadoradeversos.blogspot.com/2012/12/o-padre-henrique-e-o-dragao-da-maldade_6450.html. Acesso em 4 jul 2018.

_____. **O Padre Henrique e o Dragão da Maldade**. São Paulo: Hedra, 2005.

LACERDA, Angela. Ex-major cita empresário ligado à crime na ditadura. **O Estado de São Paulo**, 2012. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,ex-major-cita-empresario-ligado-a-crime-na-ditadura-imp-,934118>. Acesso em: 4 jul 2018.

OLIVEIRA, Alysson. “O Dragão da Maldade” reestrea com cópias restauradas. **Dom Total**, 2008. Disponível em: <http://domtotal.com/noticia/5503/2008/05/o-dragao-da-maldade-reestraia-com-capias-restauradas/>. Acesso em: 4 jul 2018.

QUINTELA, Vilma Mota. **O Cordel no fogo cruzado da cultura**. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10956/1/Vilma%20Mota%20Quintela.pdf>. Acesso em 18 jul 2018.

RELATÓRIO - Volume 2, Textos Temáticos. **Comissão Nacional da Verdade**, 2014. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/Volume%202%20-%20Texto%204.pdf>. Acesso em 4 jul 2018.

TAVARES, Emerson Sbaderlotti; MANZATTO, Antonio. **A opção pelos pobres na poesia de Patativa do Assaré**. Revista Teoliterária, 2014 - v. 4, n. 8. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/download/22741/16486>. Acesso em: 4 jul 2018.